

EXU
o Guardião
da Luz

O Poder dos Chifres

Ebook gratuito

Umbanda EAD

O PODER DOS CHIFRES 01

OS DOIS CHIFRES PEQUENOS 19

O DEUS CORNÍFERO NA WICCA 21

NA ASTROLOGIA 29

NO JUDAÍSMO 39

EM OUTRAS CULTURAS MILENARES 49

EXU
o Guardião da Luz

curso on line

por Alexandre Cumino

EBOOK
GRATUITO

O PODER DOS CHIFRES

texto de

Wagner
Veneziani Costa

Umbanda EAD



Abaixo um excelente texto de Wagner Veneziani Costa, Meu Mestre na Maçonaria.

Este texto poderia muito bem se chamar **"Tudo Sobre Chifres"**.

Aproveitem a oportunidade desta leitura e se deliciem com a quantidade e qualidade das informações.

Depois de ler este texto, é bem provável que muitos façam questão de manter chifres em EXU. **Quem sabe de onde vem ou para onde vai EXU?**

Se EXU tem ou não tem chifres agora já não sei...

Brincadeira a parte, claro que não necessitamos de chifres para Exu, pois na cultura brasileira contemporânea chifres têm um significado que não orgulha a ninguém. Logo, não há porque colocar chifre em cabeça alheia.

No entanto, Chifre, Rabo e Tridente foram símbolos de Poder e de domínio sobre a natureza animal, sobre os reinos naturais e sobre o instinto.

Será que ao demonizar Exu apenas lhe deram mais poder?

Como um tiro que sai pela culatra.

Hoje pagamos o preço da discriminação, mas ninguém nega o Poder de EXU.

É capaz que Exu até se divirta com tudo isso, pois está acima e além de nossas visões limitadas. É certo que, temido ou não, **Exu é MUITO popular**.

E como coincidência não existe,

Que tal entender um pouco melhor,

Um chifre que não é seu, nem está em sua cabeça,

Um chifre que é ou que foi... poder...

Meus Caros,

Recebam os meus mais sinceros votos de Luz, Amor e Paz...

Antes de começarmos a escrever a pesquisa sobre os **"Chifres"**, é interessante falarmos um pouco sobre Livre-Arbítrio, que nada mais é que a capacidade que o ser humano tem de escolher seu próprio caminho; portanto, é muito importante você respeitar os diferentes, você não deve tentar manipular ou interferir no livre-arbítrio dos outros.

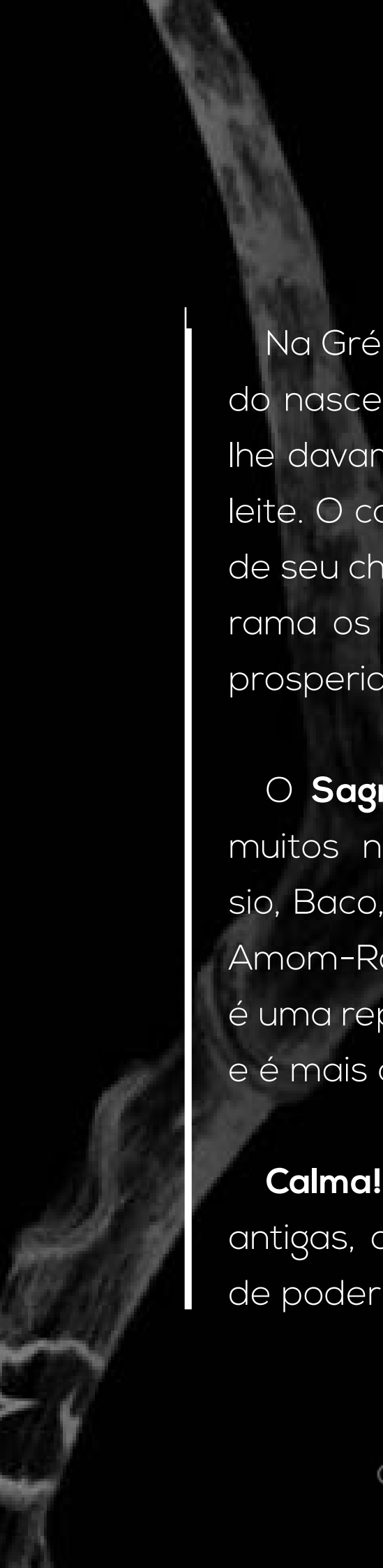
Além de muitas outras interpretações que conheceremos, logo abaixo não podemos deixar de mencionar que até hoje, nas Consagrações dos "Templos", em várias Religiões e Sociedades, o chifre é usado...Algumas colocam sementes dentro dele, que simbolicamente são interpretadas como fonte de Abundância e Prosperidade...



Pense bem antes de imprimir!

Umbanda EAD





Na Grécia Antiga, conta-se que Zeus, quando nasceu, foi alimentado pelas abelhas, que lhe davam mel, e a cabra Almateia deu-lhe o leite. O carneiro era consagrado a Zeus e era de seu chifre a famosa **"Cornucópia"** que derrama os tesouros sobre a Terra, símbolo da prosperidade e da abundância.

O **Sagrado Masculino** existe também sob muitos nomes, entre eles Pan (Pã), Dionísio, Baco, Quíron, Hermes, Moisés, Baphomet, Amom-Rá, Mitra, Odin, Wotan e Cernunnos. Ele é uma representação masculina da divindade, e é mais conhecido como o **Deus Chifrudo**.

Calma! Não é nenhum diabo. Nas civilizações antigas, os chifres eram uma representação de poder e masculinidade.

Os chifres sempre foram sinal de algo divino. Na Babilônia, por exemplo, o grau de importância dos deuses era identificado pelo número de chifres atribuído a ele. Os chifres foram incorporados pelo homem quando perceberam que se vestir como animal facilitava a sua aproximação durante a caça.

Inicialmente era um Deus da caça, depois vieram novas atribuições, como a de Deus protetor das florestas, dos animais, da chuva, do vinho, entre muitos outros. É representado pelo Sol.

O **Deus Cornífero** foi transformado no diabo pelos cristãos, ou melhor, pela Igreja Católica, com o objetivo de acabar com o culto das bruxas na Europa Ocidental. Não havia outra razão. Mesmo muito antes disso, os egípcios já adoravam o Deus do Oculto, do escuro, Amon, que também possuía chifres.



Pense bem antes de imprimir!

Umbanda EAD

Antes da aparição do Cristianismo, o **Deus de Chifres** era tido como símbolo de vida, sexualidade, êxtase e liberdade. Muitas deidades pagãs foram adaptadas pelo Cristianismo.

O Deus representa tudo que é livre, é o caçador que representa inovação, vitalidade, força e fertilidade.

Aspectos da vida relacionados ao Deus Cornífero:

- Atrair coragem, garra e vigor;
- Trazer fertilidade e gravidez;
- Livrar-se do estresse;
- Atrair o vigor sexual;
- Aumentar a percepção e os instintos;
- Resolver problemas difíceis;
- Estabilizar situações;
- Atrair prosperidade e riqueza;
- Buscar a razão;
- Invocar os poderes da fartura e da prosperidade.

Hoje em dia, os chifres são vistos como símbolos da traição, do "babaca"...

Ninguém sabe o motivo. Aliás, a grande variedade de teorias já levantadas a respeito só vem confirmar o mistério dessa modificação no significado atribuído aos chifres, a partir da Idade Média europeia. Antes disso, os cornos não eram o símbolo da pessoa que é traída pelo(a) parceiro(a), mas representavam energia, comando e potência sexual: todos os sátiros da mitologia tinham chifres, e os guerreiros vikings, bem como os gauleses da aldeia de Asterix, portavam-nos orgulhosamente em seus capacetes. Ovídio, no Canto XV das Metamorfoses, descreve, sem a menor ironia, o episódio em que Cipus, o famoso pretor romano, acorda certo dia com um portentoso par de cornos na cabeça, simbolizando o glorioso papel que de-

sempenharia no futuro de Roma – história que não poderia ter sido narrada por um escritor medieval ou renascentista sem um inevitável sentido burlesco (fico só imaginando o efeito que esta passagem de Ovídio teria no meu tempo de ginásio, em que desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a Cornualha, na Inglaterra, ou as famosas joias de Cornélia...). Além de símbolo da força, os chifres eram – e são, até hoje – considerados uma poderosa defesa contra o mau-olhado e a feitiçaria, seja na sua forma córnea natural, seja no conhecido sinal que se faz com a mão fechada, deixando o indicador e o mindinho estendidos.

O certo é que, num dado momento, por motivos inexplicáveis, estabeleceu-se uma associação entre a traição e os chifres. Todas as hipóteses conhecidas são fantasiosas ou vagas demais, ou localizadas demais para justificar a difusão desse símbolo por todos os

países do Ocidente, pois mesmo na Inglaterra e na França, em que o marido traído é associado, por razões também obscuras, ao pássaro cuco – cuckold (ing.) e cocu (fr.) –, os chifres estão lá, ornando a testa de todos os infelizes que foram minotaurizados. Voltaire, por exemplo, sustentava que o costume viria dos gregos, que chamavam de "bode" ao marido traído pela mulher (segundo ele, a cabra, na cultura grega, era o símbolo da fêmea dissoluta); no entanto, se isso fosse verdade, os romanos, que herdaram e absorveram a cultura grega, teriam conservado a tradição – coisa que não ocorreu, como bem demonstra o texto das Metamorfoses.

Outros preferem buscar a explicação no brumoso passado dos celtas; das inúmeras versões, a mais conhecida envolve Cernunos, um dos principais deuses gauleses, que presidia a vinda da primavera, representada por um ancião com a cabeça enfeitada por chifres de veado.

Segundo a lenda, ele vive embaixo da terra, mas sempre que sua mulher o engana – o que ela parece fazer regularmente, todos os anos – ele sobe à superfície, trazendo consigo o fim do inverno. Os antropólogos, por sua vez, lembram que, em muitas aldeias da Europa primitiva, a comunidade costumava humilhar o marido cuja mulher desse à luz um filho de outro homem, obrigando-o a desfilar com a cabeça ornada por chifres de boi ou de cervo – mas não explicam por que escolhiam o chifre, e não o rabo, ou o casco, ou a pele do animal, o que teria nos dado rabudos, cascudos e peludos, em lugar de cornudos.



Pense bem antes de imprimir!

Umbanda EAD

Uma versão literária atribui a origem deste símbolo ao relato que Geoffrey de Monmouth faz em sua obra A Vida de Merlin (1148):

"O famoso mago Merlin retirou-se para a solidão da floresta, insinuando à sua mulher Gwendolina que não se importaria muito se ela casasse de novo, desde que ele não fosse obrigado a conhecer o felizardo. Um dia, no entanto, os astros lhe informam que o casamento dela está próximo e ele se dirige ao seu antigo palácio, montado num cervo, acompanhado de muitos outros animais selvagens, para levar-lhe o seu presente de bodas. Ao chegar lá, sua ex-mulher e o namorado estão em uma das janelas da torre e riem muito da estranha comitiva de Merlin, o qual, furioso, arranca os cornos de um cervo e arremessa-os contra o pretendente, matando-o instantaneamente e fazendo-o descer ao mundo dos mortos com uma bela galhada na testa".

Esta, a meu ver, é a menos provável, pois acaba colocando os cornos no traidor, não no traído.

Vamos nos aprofundar um pouco mais na pesquisa e veremos que os chifres eram um **símbolo de Poder**.

Começaremos pelas Sagradas Escrituras:

Não podemos deixar de citar que o **"Cordeiro"** possui chifres, e vemos na tabela acima que Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, e por Ele foi sacrificado.



Os dois chifres pequenos

Tanto em Daniel 7 como em Daniel 8, o poder de um pequeno chifre se torna proeminente. Uma comparação de suas características mostra não apenas que são o mesmo poder, mas ajuda a fortalecer nossa posição sobre quem é ele. Foram dadas muitas informações sobre esses pequenos chifres, mais detalhes sobre eles do que sobre qualquer dos outros reinos. Isso deve significar duas coisas: primeiro, obviamente, esses pequenos chifres simbolizam um poder importante na história profética do mundo e, segundo, que Deus quer que saibamos com certeza que poder eles representam.

Seguem abaixo as semelhanças entre os dois chifres pequenos.

Ao estudar essas características e semelhanças, pense como essas características ajudam a confirmar nossa interpretação desse poder:

1. São representados pelo mesmo símbolo, um chifre (Dan. 7:8 e 20; 8:9).
2. São poderes perseguidores (Dan. 7:21 e 25; 8:10 e 24).
3. Ambos são arrogantes e blasfemos (Dan. 7:8, 20 e 25; 8:10, 11 e 25).
4. Têm como alvo o povo de Deus (Dan. 7:25; 8:24).
5. Têm aspectos de sua atividade determinados por tempo profético (Dan. 7:25; 8:13 e 14).
6. Existem até o tempo do fim (Dan. 7:25 e 26; 8:17 e 19).
7. Serão destruídos por uma força sobrenatural (Dan. 7:11 e 26; 8:25).

Quando você tem dois poderes representados pelo mesmo símbolo profético e que executam as mesmas ações básicas no mesmo período no fluxo das visões, parece mais do que óbvio que se trata do mesmo poder. Considerando, também, as descrições desse poder, o ônus da prova recai fortemente sobre os que interpretam esse poder como alguma coisa que não seja Roma.

O Deus Cornífero na Wicca

O **Deus Cornífero** é o **Deus fálico da fertilidade**. Geralmente, é representado como um homem de barba com casco e chifres de bode. Ele é o guardião das entradas e do círculo mágico que é traçado para se começar o ritual. É o Deus pagão dos bosques, o rei do carvalho e senhor das matas. É o Deus que morre e sempre renasce. Seus ciclos de morte e vida representam nossa própria existência.

Ele nasce da Deusa, como seu complemento, e carrega os atributos da fertilidade, alegria, coragem e do otimismo. Ele é a força do Sol e, da mesma forma, nasce e morre todos os dias, ensinando aos homens os segredos da morte e do renascimento.



Segundo os mitos pagãos, o Deus nasceu da Deusa, cresceu e se apaixonou por Ela. Ao fazerem amor, a Deusa engravida e, quando chega o inverno, o Deus Cornífero morre e renasce quando a Deusa dá à luz. Esse mito contém em si os próprios ciclos da natureza, em que no verão o Deus é tido como forte e vigoroso, no outono ele envelhece, morre no inverno e renasce novamente na primavera.

Para a maioria, pode aparentar algo meio incestuoso, quando se afirma que o Cornífero é filho e consorte da Deusa, mas isto era extremamente comum aos povos primitivos, onde os indivíduos se casavam entre os próprios familiares para conservar a pureza da raça. Além disso, o simbolismo do mito deve ser observado, pois todas as coisas vieram do ventre da Grande Mãe, inclusive o próprio Deus; por isso, para Ela, Ele deve voltar.

O culto ao Deus Cornífero surgiu entre os povos que dependiam da caça, por isso Ele sempre foi considerado o Deus dos animais e da fertilidade, e ornado com chifres, pois os chifres sempre representaram a fertilidade, a vitalidade e a ligação com as energias do Cosmos. Além disso, a Bruxaria surgiu entre os povos da Europa, onde os cervos se procriam com extremada abundância; por isso, eram frequentemente caçados, pois eram uma das principais fontes de alimentação.

Com o crescimento do Cristianismo e com a intensão do Clero em derrubar a Bruxaria, a figura atribuída ao Deus Cornífero acabou por personificar o Diabo e, na atualidade, resgatar o status desse importante Deus torna-se bastante difícil.

O Deus Cornífero representa a luz e a escuridão, a imortalidade e a morte, a interrupção e a continuidade. Cernunos, como também é chamado, simboliza a força da vida e da morte. É o amante e filho da Deusa, o senhor dos cães selvagens e dos animais. É ele que nos desperta para a vida depois da morte. Representa o Sol, eternamente em busca da Lua. Seus chifres na realidade representam as meias-luas, a honraria e a vitalidade e não uma ligação com o Diabo.

Ainda hoje existe muita confusão acerca da Bruxaria, e isto se deve à Igreja Medieval, que transformou os Bruxos antigos em Feiticeiros do Demônio, por conveniência.

O culto à Deusa Mãe e ao Deus Conífero é pré-cristão, surgiu milênios antes do Catolicismo e do conceito de Demônio, o qual jamais foi adorado, invocado, cultuado e reverenciado nas práticas pagãs ou como deidade da Bruxaria.

A Arte Wiccaniana remonta aos homens das cavernas, e, para entendermos por que uma divindade com chifres foi reverenciada pelos Bruxos de antigamente e é reverenciada até hoje pelos Bruxos modernos, temos de pensar como nossos antepassados.

Os chifres sempre foram tidos como símbolo de honra e respeito entre os povos do neolítico. Os chifres exprimem a força e a agressividade do touro, do cervo, do búfalo e de todos os animais portadores dos mesmos. Entre os povos do período glacial, uma divindade era representada com chifres para demonstrar claramente o poder da divindade que o possuía.

Quando o homem saía em busca de caça, ao retornar à sua tribo, colocava os chifres do animal capturado sobre a sua cabeça, com a finalidade de demonstrar a todos da comunidade que ele vencera os obstáculos. Graças a ele, todo clã seria nutrido, ele era o "Rei". O capacete com chifres acabou por se tornar em uma coroa real estilizada.

Muitos Deuses antigos como Baco, Pã, Dionísio e Quíron foram representados com chifres. Até mesmo Moisés foi homenageado com chifres pelos seus seguidores, em sinal de respeito aos seus feitos e favores divinos.

Os chifres sempre foram representações da luz, sabedoria e conhecimento entre os povos antigos. Portanto, como podemos perceber, os chifres desde tempos imemoráveis foram considerados símbolos de realeza, divindade, fartura e não símbolo do mal como muitos associaram e ainda os associam.

O **Deus Cornífero** é então o mais alto símbolo de realeza, prosperidade, divindade, luz sabedoria e fartura. É o poder que fertiliza todas as coisas existentes na Terra.

A **Grande Mãe** e o **Deus Cornífero** representam juntos as forças vitais do Universo.

Aprendemos o significado de alguns símbolos importantes e o apresentamos aqui:

- **A besta:** representa reinos
- **Os chifres:** símbolo de reis, poder, autoridade.
- **O mar:** mar, ou água, representa multidão, pessoas.
- **Os ventos:** um símbolo de guerra e contenda
- **O dia:** representa um ano literal
- **As asas:** representa grande velocidade de conquista



Na Astrologia

Na Astrologia, o chifre pode ter uma conotação fálica, de potência viril, de força e de iniciação; no entanto, está relacionado também a uma das fases da Lua, tanto que as **Deusas da Lua costumavam ser representadas por pequenos chifres, e os animais com chifres eram associados à Lua.**

Existem alguns trabalhos meus em que cito o poder dos chifres em alguns Deuses; pediria aos leitores deste artigo que visitassem o meu blog: www.blog.madras.com.br e lessem os textos referentes (O Deus Pã; Baphomet; Moisés; A Deusa Ísis).

Daniel Pelizzari diz que Wicca é uma palavra do inglês arcaico que quer dizer "bruxo" (plural: wicce). Há quem diga que seu signifi-

cado é "sábio", mas isso não corresponde à verdade.

E prossegue, afirmando que a palavra tem sua origem na raiz indo-europeia wikk-, significando "magia", "feitiçaria". O nome Wicca é o mais usado para denominar essa religião. Ela também é conhecida como Bruxaria, Feitiçaria, Antiga Religião e Arte dos Sábios, ou simplesmente, a Arte.

Um dos primeiros e, seguramente, o mais importante Deus primitivo a surgir foi o Deus de Chifres.

Alguns membros do clã iniciaram a prática de atividades de caráter mágico-religioso, compostas por um elemento religioso (esboços de rituais e mitos dedicados à adoração do Deus de Chifres, forças da natureza

e espíritos dos antepassados) e por um elemento mágico (práticas que tentavam atrair a benevolência dessas divindades e espíritos, a fim de manipulá-los para interesses práticos do clã). Nesse momento, estava se delineando algo que se assemelhava muito, grosso modo, a uma classe sacerdotal. Esses "sacerdotes" realizavam ritos do que hoje é denominado magia simpática, ou seja, práticas baseadas na atração dos semelhantes. Pintavam-se cenas de membros do clã vencendo e abatendo animais cobiçados, para garantir o sucesso da próxima caçada. Miniaturas desses mesmos animais eram confeccionadas, em osso, chifre ou barro, e então se simulava sua caça e abate. Esses ritos eram frequentemente dirigidos por um desses "sacerdotes", geralmente usando a primeira de todas as túnicas: **peles de animais e uma máscara dotada de chifres.**

Em Trois Frères, na França, existe uma pintura de 12 mil anos, conhecida como Le Sorcière ("O Feiticeiro"). É a figura de um homem vestido de peles, com cauda e chifres de cervo. À sua volta, paredes cobertas por pinturas de animais em caçadas. A seus pés, uma saliência na rocha, constituindo um altar. Mas as caçadas não eram a única coisa que fazia o clã sobreviver. **Havia um Mistério: o da fertilidade**. O clã precisava continuar. De tempos em tempos, a barriga das mulheres crescia, e, ao fim de algumas luas, delas surgia um novo membro da tribo, pequeno, mas que crescia com o passar do tempo. Os animais também tinham filhotes, e isso garantia o alimento das futuras gerações. A chave de todo esse Mistério era a mulher, aquele enigmático ser que, se já não bastasse ser a única responsável pela continuação da tribo (ainda não havia

a consciência da participação do homem na reprodução), também alimentava as crianças com leite de seu próprio corpo. Além disso, aquela criatura mágica vertia sangue de dentro de seu corpo em algumas ocasiões, mas mesmo assim não morria.

Todas essas constatações deram origem ao surgimento de uma **Deusa da Fertilidade**, uma Grande Mãe. Figuras pré-históricas dessa Deusa são incontáveis. Uma das mais famosas é a **Vênus de Willendorf:** seu corpo parece uma grande massa disforme da qual se destacam um gigantesco par de seios e uma proeminente barriga grávida. Ela não tem pés nem braços, e seu rosto está coberto. **Essas características são comuns a várias outras "Vênus" pré-históricas, e se devem à ênfase que o ser humano primitivo dava ao aspecto de fertilidade da mulher.**

A Deusa era a Grande Mãe Natureza, fonte de toda a vida. Com o tempo, os homens foram se conscientizando de seu papel na reprodução, e o aspecto de fertilizador passou a ser mais um dos atributos do **Deus de Chifres**. Ele se tornou **filho da Deusa**, pois dela era nascido, e também seu amante, pois a fertilizava para que um novo ser surgisse. A partir dessa concepção, novos ritos foram adicionados às práticas mágico-religiosas, em que se esculpiam ou pintavam-se animais ou humanos copulando, e todo o clã entregava-se ao ato sexual, após ter recebido a graça dos Deuses.

No período Neolítico, o ser humano desenvolveu a agricultura, e começou a formar aldeias e povoados. Com a descoberta das técnicas de plantio, a Deusa assumiu maior importância, passando a acumular também

o aspecto de guardiã da colheita. **O Deus de Chifres começou a ganhar uma nova face, a de alegre Deus das Florestas, protetor dos animais e criaturas dos bosques.** Quando o homem adquiriu a noção das estações do ano, esboçaram-se as primeiras ideias sobre a Roda do Ano.

Havia um período quente e fértil, quando se realizavam as colheitas e a natureza mostrava todo seu esplendor. Nesse período, reinava a Deusa. Depois as folhas secavam e caíam, e tudo parecia estar morto. O povo voltava a depender da caça para sobreviver, pois não podia viver só dos alimentos armazenados. Quem regia esse período era o Deus das Caçadas, que também adquiria seu novo aspecto de Sombrio Senhor da Morte (nessa época nasceram também os primeiros conceitos sobre a vida após a morte). Surgiram então os primeiros mitos

sobre a descida da Deusa ao mundo subterrâneo que, séculos mais tarde, tomaria forma definitiva na Grécia, com o mito de Perséfone, e na Mesopotâmia, com a lenda de Ishtar.

As culturas desenvolveram-se com o passar dos séculos, e novos aspectos dos Deuses foram descobertos. Cultos religiosos se estruturaram, centrados nos ciclos de nascimento, morte e renascimento da natureza. O tempo da plantação e o tempo da colheita eram muito importantes, marcados com festividades, assim como o período do recolhimento do gado e a época de sua liberação ao pasto. Nessas datas, juntamente com as de mudanças de estação, realizavam-se encenações de mitos nos quais um Deus Velho morria para um Deus Jovem nascer, representando a morte da antiga colheita e o nascimento de uma nova.

Esses cultos possibilitaram o refinamento da classe sacerdotal, que chegou ao requinte de gerar representantes como os druidas, sacerdotes celtas que encantaram os gregos e romanos com sua profunda filosofia e integração com a natureza. Sua erudição era admirável, e acumulavam funções como a de legisladores, médicos, poetas, bardos e guardiões da tradição oral. Na Grécia Antiga, floresceram os Cultos de Mistério, dos quais se devem destacar os Ritos de Elêusis e os Mistérios Órficos. Também foram de grande importância os cultos dionisíacos. Deve-se ter em mente que essas são linhas gerais do início da Bruxaria, que se confunde com o surgimento das primeiras manifestações religiosas humanas.

O que foi relatado acima aconteceu em épocas diferentes, nos mais variados lugares. É verdade que nem tudo ocorreu exa-

tamente da mesma maneira em todos os lugares: enquanto no Crescente Fértil da Mesopotâmia nasciam avançadas civilizações, na Europa ainda se vivia de caça e coleta. Mas o que impressiona e é importante não são as diferenças, e sim as semelhanças dos primeiros esboços de religião.



No Judaísmo

Faz parte da cultura hebraica a lenda do "Bode Expiatório". Esse bode, deixado só na natureza selvagem, é tido como parte das cerimônias hebraicas do Yom Kippur, **o Dia da Expiação, à época do Templo de Jerusalém.**

Dois bodes eram levados juntos com um touro ao lugar de sacrifício, como parte das cerimônias. No templo, os sacerdotes sorteavam ao azar um dos dois bodes. Um era queimado em holocausto no altar de sacrifício. O segundo tornava-se o bode expiatório, pois o sacerdote punha suas mãos sobre a cabeça do animal e confessava, baixinho, aos seus ouvidos, os pecados do povo de Israel.



Pense bem antes de imprimir!

Posteriormente, o bode era deixado ao relento na natureza selvagem, levando consigo os pecados de toda a gente, para ser reclamado pelo anjo caído Azazel.

Portanto, o **"Bode Expiatório"** é nada mais nada menos do que a representação daquele que carrega os pecados do povo e o redime com o sacrifício da própria vida. Essa lenda pode ser interpretada como uma prefiguração simbólica do autossacrifício de Jesus, que chama a si os pecados da humanidade, é expulso da cidade sob ordem dos sacerdotes, e é sacrificado no Gólgota. Por sinal, a expressão Gólgota em grego significa: ΚΡΑΝΙΟΥ ΤΟΠΟΣ (Kraniou Topos, isto é: o topo do crânio).

Sobre a cabeça dos bovídeos encontram-se os chifres. No topo do crânio dos humanos, encontra-se a fontanela ou moleira, o principal ponto de contato do homem com a energia cósmica que permeia todo o Universo.

O shofar é considerado um dos instrumentos de sopro mais antigos. Somente a flauta do pastor, chamada Ugav, na Bíblia se iguala em idade segundo algumas opiniões, mas a flauta não tem função em serviços religiosos em nossos dias. Embora o shofar seja um símbolo tipicamente judaico, sua mensagem tem um caráter universal. Como explicava o grande filósofo Maimônides, o toque do shofar é um "despertador espiritual", um chamado à introspecção e à ação: "Acordem do seu sono, vocês que estão dormindo! Reexaminem seus atos. Lembrem-se de Deus e retornem a Ele". O shofar nos desperta do nosso sono espiritual profundo e nos incita a incorporarmos em nosso cotidiano os verdadeiros e eternos valores morais deixados por Deus.

Todos nós conhecemos a função do sacerdote, que era oficiar diante de Deus. Mas poucos de nós conhecemos a função do shofar. Em

nossas traduções da Bíblia, essa palavra vem traduzida como "trombeta" e, às vezes, "buzina"; porém a tradução correta seria "chifre de carneiro", pois o shofar é na realidade um chifre de carneiro usado como um instrumento de sopro. O shofar é feito de um chifre de animal casher (considerado limpo). Qualquer chifre pode ser usado para o shofar, exceto o da vaca ou o do touro, pois esses chifres são chamados em hebraico de "keren" e não de shofar, e também porque seu chifre poderia ser um lembrete do Bezerro de Ouro que os filhos de Israel fizeram no deserto, ao deixarem o Egito. A palavra shofar aparece 72 vezes na Tanach (Velho Testamento), o shofar não produz sons delicados como o clarim moderno, a trombeta ou outro instrumento de sopro, porém, para os judeus, o shofar não é um instrumento "musical"; não é usado por prazer ou divertimento; é considerado sagrado, quase como uma voz celestial.

No Livro dos Números, o shofar é citado como parte do ritual de Rosh Hashaná (o Ano-Novo judaico): "No primeiro dia do sétimo mês (...) será tocado o shofar". Utiliza-se especificamente um chifre de carneiro, em lembrança do episódio da Akedá (episódio da amarração de Isaque para o sacrifício de Abraão), quando Deus determinou que um carneiro fosse sacrificado no lugar de Isaac. Nesse contexto, o shofar representa a misericórdia do Criador para com os homens.

O shofar, como já vimos, é um chifre de carneiro que é tocado em ocasiões especiais e com finalidades especiais. A forma de como ele é tocado também anuncia algo especial. Mas, o mais interessante é que o shofar é feito de chifre de carneiro. E o carneiro na verdade é um cordeiro que já amadureceu (atingiu a idade adulta)! Então, esse instrumento é feito de um animal já pronto, maduro, mostrando-

-nos que os anúncios, proclamações e decretos do Eterno são feitos a partir de algo (ou alguém) maduro, pronto para tal ato; também são feitos na plenitude dos tempos, ou seja, só no tempo certo! Nada acontece antes ou depois da hora determinada pelo Senhor!

Algo que devemos levar em consideração é que, para se obter um shofar, deveria haver o sacrifício de um cordeiro ou carneiro. Na simbologia profética do shofar, temos uma incrível transparência no plano de salvação do Eterno para a humanidade, pois Cristo foi enviado como cordeiro para estabelecer um reino universal no planeta; segundo as escrituras, chifres representam reinos ou reis. "Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia. Mas o bode peludo é o rei da Grécia, e o chifre grande que tinha entre os seus olhos é o primeiro rei" (Dan. 8: 20-21). A morte do cordeiro de Deus trouxe aos homens

a promessa de um verdadeiro reino de paz na Terra, Ele (Yeshua), como rei universal, se tornou o shofar de Israel em seus dias; bradando e convocando o povo corrompido a se voltarem em unidade e santidade para o seu Deus, aqui Ele vem na simbologia do shofar representado como o "Melech Ysrael", rei de Israel. O shofar é um instrumento de sopro, portanto alguém deve soprá-lo para que ele produza seu som; os primeiros toques do shofar profético Yeshua soprado pelo Eterno convocaram uma comitiva de 12 homens em Israel e, subitamente, várias outras pessoas que após receberem o sopro de Deus no Pentecostes (At. 2: 1-2), que veio como um vento impetuoso e encheu a casa onde estavam, também se tornaram shofares de Deus e bradaram em Israel e nas nações gentílicas anunciando o reino de Deus e convocando os seres humanos a despertarem do sono espiritual e se voltarem para o Deus soberano.

Que incrível, a morte do cordeiro de Deus não somente trouxe um reino universal à Terra, mas também criou um exército de shofares (chifres) chamado de "Reis e Sacerdotes" (Ap. 5: 10-1; 6: 20-6), e mesmo nos nossos dias, os shofares de Deus continuam sendo tocados pelo sopro do Espírito Santo convocando os homens para se reunirem perante o Eterno.

No Velho Testamento há citações de chifres como símbolo de poder divino. Em Deuteronômio está escrito: 33: "Esta é a bênção que deu Moisés homem de Deus aos filhos de Israel antes de sua morte." (...) 13: "Disse também a José (...) 17: A sua formosura é como a do primogênito do touro; os seus cornos são como os cornos do rinoceronte: com eles levantarás ao ar todas as gentes..." A própria figura do profeta Moisés é retratada com chifres após receber as Tábuas da Lei. Da mesma forma Jesus, enquanto o Cristo, a Virgem Maria e os

santos do Catolicismo também são mostrados ostentando uma aura.

Do mesmo modo, é grande o número de lendas e mitos em quase todas as religiões antigas em que aparecem efígies de Deuses adornados por chifres, como Ísis, a Deusa do Egito, e Odin ou Wotan, o maior dos Deuses vikings, que era o Deus da Sabedoria e governante de Asgard.

Em outras culturas milenares

No Egito, acreditava-se na união do homem com o animal. Os animais, domesticados ou selvagens, eram dotados de poderes divinos. Tanto que **seus grandes Deuses fundiam sua imagem com a dos animais**. **Amon-Rá** é representado com a cabeça de carneiro e corpo de homem; assim, o carneiro era considerado sagrado para os egípcios. O animal mais celebrado do Egito era o **touro Ápis**, a reencarnação do **Deus Ptah**, e depois foi associado a **Osíris**. **Hórus**, Deus do céu e da beleza, é visto nos relevos como corpo de homem e cabeça de falcão. **Anúbis**, o Deus da morte, era representado por um homem com cabeça de chacal.

Ísis, a Deusa lunar, era representada com cabeça de íbis; também é simbolizada pelo rosto coberto com um véu. **Osíris**, Deus dos mortos e da fertilidade, ressuscitou como um lobo, para ajudar Ísis e Hórus a combaterem

Seth. **Seth**, corpo de homem com um animal semelhante a um cachorro (ou bode), no início era um Deus benéfico, mas com o tempo foi considerado a personificação do mal, comandava os trovões e as tempestades.

Hathor, Deusa do amor e "senhora do céu", "alma das árvores", ama-de-leite de Hórus, a vaca Hátor aparece com frequência nos mitos. É uma deusa benevolente, adorada em várias regiões, principalmente em seu templo de Dendera. Vaca tranquila que geralmente personifica o olho de Rá. Usava um disco solar e duas plumas entre os chifres. Deusa do céu e das mulheres, nutriz de Hórus e do faraó, patrona do amor, da alegria, da dança e da música, mas também das necrópoles. Seu centro de culto era a cidade de Dendera, mas havia templos dessa divindade por toda pa te. Também era representada por uma mulher usando na cabeça o disco solar entre chifres de vaca, ou uma mulher com cabeça de vaca.

Uma cerimônia religiosa, descrita por Platão, conta que os reis, só com cajados e redes, caçavam um touro sagrado e ofereciam a Poseidon. No sacrifício, o sangue do animal podia conjurar o deus e exorcizar os mortos. O sangue era coletado num vaso que tinha a forma de um touro. Os chifres de vaca são símbolos da Lua, e o touro, com sua força procriadora, simboliza a fertilidade. Era um animal sagrado não só na Grécia, mas na Mesopotâmia, no Egito, na Índia e em Roma.

O mito do **Minotauro** conta que **Poseidon**, deus do mar, enviou a **minos, rei de Creta**, um touro branco para ser sacrificado em sua honra, mas o rei, encantado com a beleza do animal, guardou-o para si. Poseidon, indignado, despertou na rainha Pasífae uma paixão doentia pelo touro e, dessa união, nasceu Minotauro, um ser com corpo de homem e cabeça de touro.

Em algumas partes da Grécia, Poseidon era Hippios, Deus dos cavalos, o protetor dos centauros. O mito do centauro, meio homem, meio cavalo, tem em Quiron o personagem mais conhecido, o professor da Medicina e da Astronomia. Zeus o imortaliza na constelação de Centauro.

Outro mito importante era Pégaso, o cavalo alado, representando o lado natural e instintivo. Os sátiros eram criaturas representadas por um homem com orelhas, chifres, cauda e pernas de bode. O mais famoso era Pã. Pã, nome que significa "tudo", era o Deus da caça, dos pastores e do rebanho. Numa das versões da mitologia grega, Pã se transformou em carneiro branco para seduzir a Deusa lunar Selene.

Na Índia, são adorados o touro, o leão, a serpente e o elefante. A vaca na Índia é até hoje sagrada. É a mãe de milhares de hindus.

A proteção da vaca é um presente do Hinduísmo para o mundo. Ligados a um dos principais Deuses do Hinduísmo, Vishnu, o mais alto criador do Universo, estão Naga e Garuda, serpente e pássaro, que conservam e protegem o mundo.

Em sua primeira encarnação, Vishnu era Matsya, o Grande Peixe que salva a humanidade do dilúvio (semelhante a Noé), que conduzia um barco com todos os animais da Terra, levando-o a terra firme. Kurma foi a segunda encarnação de Vishnu, a Tartaruga; a terceira foi Vraha, o javali; e na quarta, Narsingh, metade homem, metade leão.

Para os hindus, os elefantes eram criaturas extraterrenas. Brahma, o eterno, pegou metades do ovo do pássaro solar Garuda em suas mãos e cantou sete canções sagradas, que deram origens aos elefantes.

Pense bem antes de imprimir!

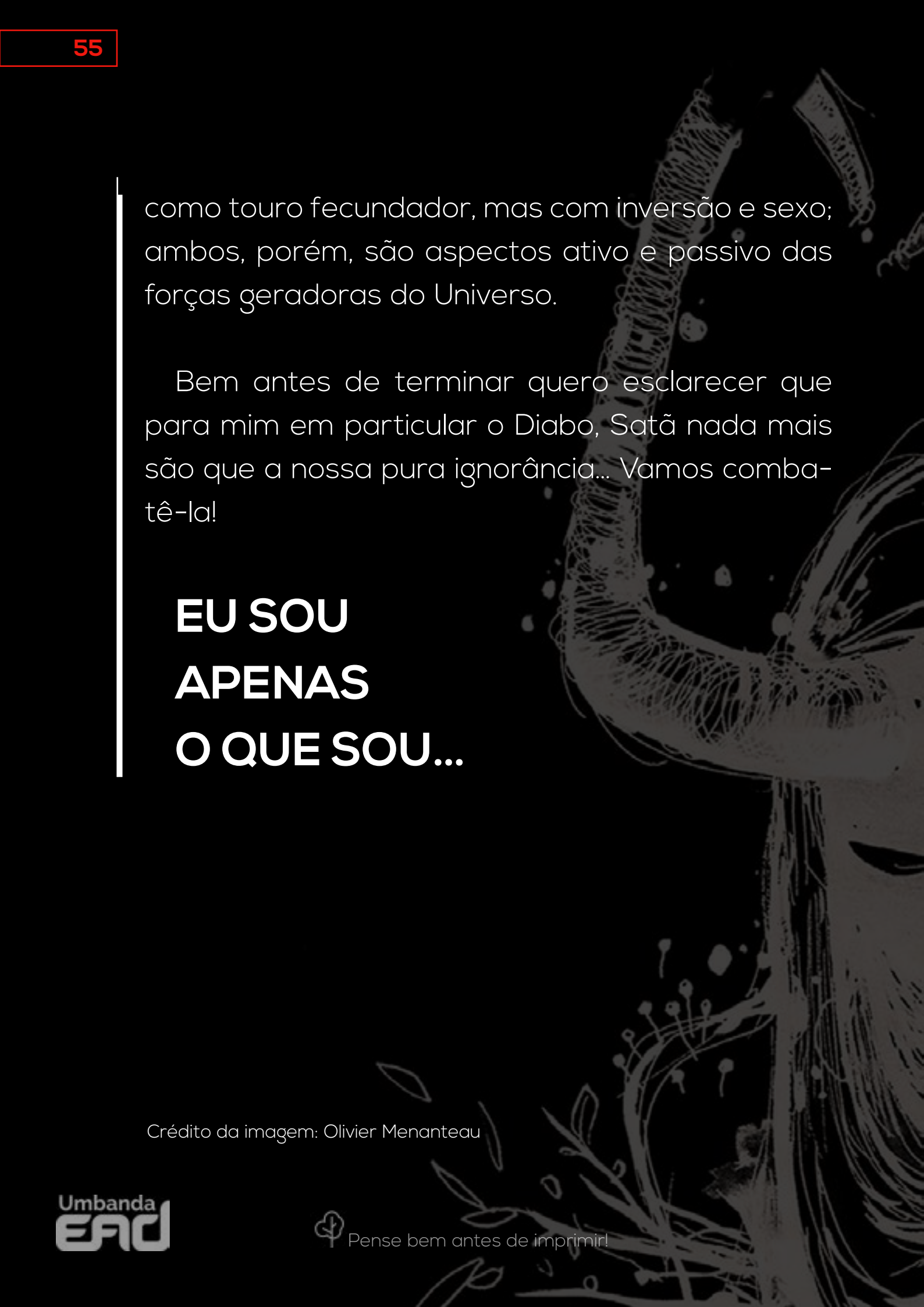
A Vaca está associada à Terra e à Lua; numerosas Deusas lunares têm chifres de vaca. Como símbolo da mãe, corresponde à Deusa primogênita Neith, primeira substância úmida e dotada de certas características andróginas, ou melhor, ginandras. No Egito é, assim, associada à ideia de calor vital.

Na Índia, encontramos a Vach, o aspecto feminino de Brahma, também chamada de Vaca Melodiosa ou Vaca da Abundância. O primeiro título deriva da ideia da criação do mundo por meio do som; o segundo, obviamente, relaciona-se com sua função de sustentar o mundo, já que seu leite é a poeira das galáxias.

como touro fecundador, mas com inversão e sexo; ambos, porém, são aspectos ativo e passivo das forças geradoras do Universo.

Bem antes de terminar quero esclarecer que para mim em particular o Diabo, Satã nada mais são que a nossa pura ignorância... Vamos comba-tê-la!

EU SOU
APENAS
O QUE SOU...



Crédito da imagem: Olivier Menanteau

Umbanda EAD